

**DIFICULDADES ENCONTRADAS POR HOMENS TRANSEXUAIS NO ACESSO
AO EXAME CITOPATOLÓGICO DO COLO UTERINO NA ATENÇÃO
PRIMÁRIA À SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-115>

Data de submissão: 13/12/2024

Data de publicação: 13/01/2025

Edvânia Aparecida Teles Santos

Acadêmica em Enfermagem Universidade do Estado de Minas Gerais
E-mail: Edvania.teles11@gmail.com.br

Mariana de Oliveira Silva

Acadêmica em Enfermagem Universidade do Estado de Minas Gerais
E-mail: marianasilva-002@hotmail.com

Amanda Conrado Silva Barbosa

Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais.
E-mail: amanda.barbosa@uemg.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2092-2099>

Lais Oliveira de Moraes Tavares

Enfermeira. Mestre em Ciências. Docente em enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: laisoliveiramt@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6603-775X>

Gabriela dos Santos Albuquerque

Enfermeira. Mestre em Ciências. Docente em enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: gabrielasantos0201@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5465-602X>

Fernanda Marcelino de Rezende e Silva

Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente em enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: fernanda.silva@uemg.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2236-7009>

Luciana Helena da Silva Nicoli

Enfermeira. Mestre em Ciências. Docente Senac, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: luciananicoli@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1495-8255>

Débora Aparecida Silva Souza

Enfermeira. Mestre em Educação em Saúde e Enfermagem.
Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: debora.silva@uemg.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8937-584X>

Daniela Dias Vasconcelos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7656-2582>

Enfermeira. Mestre em Ciências.

Secretaria de Saúde Divinópolis, Minas Gerais, Brasil

E-mail: ddvasconcelos@yahoo.com.br

João Marcos Alves Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9056-6782>

Enfermeiro. Mestre em enfermagem.

Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil.

E-mail: joao.melo@uemg.br

RESUMO

Atualmente o exame citopatológico é a principal forma de rastreio para o câncer de colo uterino, sendo oferecido no Sistema Único de Saúde de maneira gratuita. Apesar de se identificar com o gênero masculino, o homem transgênero pode ainda possuir órgãos reprodutores femininos, sendo necessária a realização deste exame. O estudo teve por objetivo avaliar as dificuldades encontradas por homens transexuais no acesso ao exame citopatológico na Atenção Primária à Saúde. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que permite uma abordagem ampla acerca do tema, de modo a buscar resultados relevantes que subsidiem a pesquisa. A pesquisa foi realizada através das seguintes bases de dados; Medline, PubMed e Scielo, através de descritores previamente validados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MESH). O estudo permitiu elencar as principais dificuldades da população trans ao realizar o exame citopatológico, evidenciando mudanças que devem ser realizadas no atendimento, para melhorar a qualidade da assistência e assim garantir a prestação do cuidado continuado.

Palavras-chave: Pessoas Transgênero. Câncer de Colo de Útero. Teste de Papanicolau.

1 INTRODUÇÃO

Por definição, o ser transgênero é todo indivíduo que não se identifica com o gênero lhe atribuído ao nascimento, de acordo com seus órgãos genitais (SILVA, 2015). Os homens transexuais são aqueles que ao nascimento receberam a classificação “feminino”, porém, se identificam com o espectro de gênero masculino. Contudo, boa parte desta população não passa pelo processo cirúrgico de redesignação sexual, o que os deixam propensos a câncer nos órgãos reprodutivos, da mesma forma que uma mulher cisgênero (HARB, 2018).

O câncer de colo de útero ocorre através da exposição às infecções permanentes pelo Papilomavírus Humano, conhecido também por HPV. Fatores como sobrepeso, tabagismo, uso de contraceptivos orais, imunossupressão, dieta deficiente, multiparidade, início sexual precoce e histórico familiar, também são fatores de risco para surgimento da neoplasia (BARBOSA et al., 2018). Excetuando-se do câncer de pele não melanoma, este tipo de tumor é o terceiro mais frequente nas pessoas com útero, e a quarta maior causa de mortalidade. Em 2020, a distribuição proporcional do número de mortes em decorrência da neoplasia foi em mais de 6% (BRASIL, 2022a; BRASIL 2022b).

O exame citopatológico do colo do útero, atualmente realizado de maneira gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), é a principal forma de rastreamento desta neoplasia. Consistena testagem de citologia oncológica do colo uterino, através de células coletadas durante o exame realizado pelo profissional de saúde, que além da coleta do material, analisa o aspecto do canal vaginal e do colo uterino, atentando-se as alterações que possam vir a ser malignas (BRASIL, 2013).

A saúde tem acesso multidimensional, com o envolvimento de aspectos políticos, econômicos, sociais, organizativos, técnicos e simbólicos, em relação ao acesso de pessoas trans, há barreiras em todas as dimensões (PEREIRA; CHAZAN, 2019).

A Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIA+ foi criada para garantir que o atendimento a esta população seja baseado no princípio da equidade, garantindo assistência de qualidade por profissionais capacitados para atender estas pessoas (MOURA; SILVA, 2020). Porém, é comum nos serviços o desrespeito com a população transsexual, como por exemplo tratá-los com pronomes inadequados, além de negligenciar a situação de saúde do indivíduo (RAMOS et al., 2020). O preconceito advindo de uma sociedade culturalmente preconceituosa pode ser visto em todos os ambientes sociais (SOUZA et al., 2020).

A temática se faz de relevante discussão, pois vários estudos trazem sobre as barreiras no acesso aos serviços de saúde, caracterizando-se por episódios de transfobia, travestifobia e desrespeito ao nome social, evidenciado principalmente pelo despreparo dos profissionais de saúde

ao público LGBT. Salienta-se que a conjuntura social para a população transgênero é bastante difícil, pois enfrentam além do preconceito pela sociedade brasileira, o estigma impresso pelas questões de gênero, nas quais se trata de “homem verdadeiro” somente aquele que nasceu biologicamente com o sexo masculino (SILVA; et. al., 2021). Frente ao exposto, objetivou-se identificar as dificuldades encontradas por homens transexuais no acesso ao exame citopatológico do colo uterino na atenção primária a saúde.

2 MÉTODOS

Trata-se de um artigo de revisão integrativa da literatura, que aborda as dificuldades encontradas por homens transexuais no acesso ao exame citopatológico do colo uterino. Optou-se por essa modalidade de pesquisa por caracterizar-se como método de abordagem ampla sobre determinado assunto e/ou problema, compondo, assim, um conjunto de informações que levanta um resultado de qualidade (GOMES & CAMINHA, 2014).

Este estudo seguiu seis etapas pré-estabelecidas para a elaboração do artigo, sendo elas:

I) identificação do tema e da questão problema; II) seleção dos critérios de inclusão e exclusão; III) identificação dos estudos pré selecionados e selecionados; IV) categorização dos estudos; V) análise e interpretação dos resultados e VI) apresentação e síntese do conhecimento (GOMES E CAMINHA, 2014).

A pergunta norteadora fora elaborada através da estratégia PICO, sendo considerado **P**: patient (paciente), **I**: intervention (intervenção), **C**: comparison (comparação) e **O**: outcomes (resultados). Utilizou-se desta para condução de métodos de revisão, por permitirem identificar as palavras-chave, que possibilitam a seleção de artigos relevantes nas bases de dados selecionadas (GARCIA, et. al., 2016). Logo, delimitou-se a seguinte questão norteadora: “Quais as dificuldades encontradas por homens transexuais no acesso ao exame citopatológico do colo uterino na Atenção Primária à Saúde? Nela, foram considerados os seguintes elementos: (P) homens transsexuais; (I) acesso ao exame citopatológico; (C) baixa adesão ao exame citopatológico em comparação as pacientes cisgeneros (O) dificuldades encontradas.

A busca desenrolou-se no período de 16 de fevereiro à 1 de março do ano de 2022, nas seguintes bases de dados: MEDLINE, indexada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo e PubMed. Foram utilizados os seguintes descritores previamente validados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH) na junção com operadores booleanos (AND): Pessoas Transgênero AND Câncer de Colo de Útero AND Teste de Papanicolau. Os critérios de inclusão foram: artigos científicos disponíveis na íntegra, de forma gratuita, em português e inglês, publicados nos últimos dez anos.

Excluíram-se teses, monografias, anais de revista, textos não científicos e textos que não respondiam à pergunta norteadora.

A seleção foi realizada após leitura criteriosa de título e resumo, com o objetivo de descartar publicações duplicadas e trabalhos que não atendessem ao objetivo do estudo. Os artigos pré-selecionados foram lidos na íntegra para extração da variável de interesse: dificuldades encontradas por homens transexuais para submeterem-se ao exame citopatológico do colo uterino. Elaborou-se uma matriz de síntese com os seguintes dados: título do estudo, autoria, objetivo do estudo, metodologia, idioma e dificuldades apontadas pelo autor.

3 RESULTADOS

A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: Medline, PubMed, e SciELO. Gerou-se desta atividade um total de trinta artigos para avaliação, onde destes, dezesseis foram localizados na PubMed, quatorze na BVS indexados pela MEDLINE e na plataforma SciELO não houve retorno de resultado. Dentre os dezesseis artigos encontrados na PubMed, sete deles foram excluídos por duplicidade, restando um total de nove artigos na base. Dos nove artigos restantes, que posteriormente foram lidos na íntegra, excluíram-se mais cinco por não contemplarem concordância com o tema, restando então quatro para utilização da base PubMed. Na MEDLINE foram excluídos onze, por não estarem em concordância com o tema, totalizando três elegíveis, restando então uma amostra final de 07 artigos para serem discutidos.

A Figura 1 exibe o processo de busca, de exclusão e de seleção dos estudos encontrados.

Figura 1. Fluxo de seleção dos estudos que compõem esta revisão integrativa. Divinópolis, Minas Gerais, Brasil, 2022.



Fonte: os autores, 2022.

Os resultados foram organizados de acordo com título da obra, título do estudo, autoria, objetivo do estudo, metodologia, idioma e dificuldades apontadas pelo autor, sendo apresentados no quadro 1. Foram encontrados estudos qualitativos, quantitativos e revisões. Com relação a nacionalidade, todos os artigos foram elaborados em inglês.

Quadro 1 - Caracterização das publicações selecionadas para o estudo, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil, 2022.

Nº	Título do estudo Ano de Publicação	Título do Estudo	Objetivos	Metodologia	Idioma / País	Dificuldades apontadas pelo autor
1	Unique Primar Care Needs of Transgender and Gender Non-Binary People. 2018	<i>Nisly et al.</i> Clinical Obstetrics and Gynecology.	Demonstrar a necessidade de os profissionais de saúde terem conhecimento acerca do atendimento a pessoa transgênero e não binária.	Revisão de literatura	Inglês. Estados Unidos.	Os serviços de saúde carecem de profissionais de saúde culturamtes competentes.
2	Pap Test Use Is Lower Among Female-to-MalePatients Than Non- Transgender Women. 2014	Peitzmeier et al. American Journal of Preventive Medicine.	Analisar as características do paciente e do profissional ao realizar o exame citopatológico, com foco na identidade de gênero e orientação sexual.	Revisão observacio nal retrospectiva de prontuários.	Inglês Estados Unidos	Pacientes transexuais não estão acessando o mesmo nível de cuidado que as as mulhres não transgeneros, Há necessidade de compreender melhor as barreiras ao cuidado dessa população
3	Gynecologic Health Care Providers' Willingness to Provide Routine Care and Papanicolaou Tests for Transmasculine Individuals .2019	<i>Shires, et al.</i> Journal ofWomen's health.	Examinar a disposição dos profissionais de saúde emoferecer cuidados desaúde para indivíduostrans masculinos.	Pesquisa por formulário	Inglês. Estados Unidos.	Dificulda-des em encontrar profissio-nais qualifica-dos e culturamen-te sensíveis que estejam dispostos em cuidar de pacientes transexuais.
4	Understanding TransgenderMen's Experiences with and Preferences for Cervical Cancer Screening:A Rapid AssessmentSurvey. 2017.	<i>Seay et al.</i> LGBT Health.	Compreender experiências e preferencias de homenstrans ao realizar o exame citopatológico.	Pesquisa participativa baseadana comunidade	Inglês. Estados Unidos.	Alternativas no processo de rastreamen-to do cancer de colo de útero devem ser adotadas para homens transgeneros.
5	Enacting power and constructing gender in cervical cancer screening encountersbetween transmasculine patients and health care providers. 2019.	Peitzmeier et al.Cult Health Sex.	Compreender quais são as barreiras encontradas por homens transgêneros nos Estados Unidos para rastreio do câncer cervical.	Pesquisa semiestrutural	Inglês. Estados Unidos.	Melhorar a compreensão do papel do cuidador na dinâmica de genero é indispensável, para o cuidado prestado ao paciente transexual.
6	Female-to-Male Patients Have High Prevalence	Peitzmeier et al. Journal of General	Investigar acerca das altas taxas de exames citopatológicos	Estudo obser-vacional	Inglês. Estados Unidos.	Os profissionais de saúde devem receber treinamento para

	ofUnsatisfactory Paps Compared to Non- Transgender Females: Implications for Cervical Cancer Screening. 2014.	Internal Medicine.	inadequados entre homens transsexuais			aumentar o conforto dos pacientes transsexuais durante o exame de papanicolaou.
7	Cancer screening rates among transgender adults. 2019.	Kiran, Tara. College of Family Physicians of Canada.	Comparar taxas de rastreamento de câncer cervical entre pacientes transgêneros e cisgêneros.	Estudo transversal.	Inglês, Canadá	Pesquisas devem ser realizadas para melhoria da qualidade de vida com o objetivo de elencar fatores para aumentar a taxa de rastreamento do câncer de colo de útero em hoemns transsexuais

4 DISCUSSÃO

Nota-se que a população LGBTQIA+ têm aumentado gradativamente com o passardo tempo, de modo que o sistema de saúde tem de atender com mais frequência pessoas que se identificam com alguma variabilidade de gênero (BRASIL, 2015). Foram elencados duas categorias para discussão: as barreiras encontradas por homens transsexuais na realização do exame citopatológico na atenção primária; e estratégias adotadas e tecnologias sociais que auxiliam no acolhimento, a fim de garantir um serviço livre de discriminação.

Segundo dados coletados por Kiran et al. (2019), as taxas brutas de rastreamento de câncer de colo uterino em homens trans é menor quando comparada a mulheres cisgênero, sendo de 56% da população trans e 72% da população cis (KIRAN et al., 2019). Um estudo realizado nos Estados Unidos evidenciou que mesmo em clínicas especializadas em cuidados a pessoas trans, as taxas de rastreio são menores quando comparadas as mulheres cis (PEITZMEIER et al, 2014b).

Tal fato, deixa evidente acerca da importância da realização do exame por esta parcela da população, visto que apesar de se identificar com o gênero masculino, ainda possui aparelho reprodutor feminino e pode estar sujeita as mesmas patologias que podem acometer mulheres cisgênero. Além disso, deve-se considerar fatores psicológicos ao se realizar o exame, visto que homens transsexuais podem se sentir desconfortáveis ao ter o seu órgão de nascimento examinado (MCDOWELL et al., 2017; DA SILVA ARAÚJO et al., 2021).

No estudo realizado por Peitzmeier et al. (2019), identificou-se que a maior barreira para homens transsexuais ao realizar o exame citopatológico é o próprio profissional de saúde que realiza

o atendimento, onde em boa parte dos casos o paciente é tratado com desrespeito, tendo sua identidade negligenciada (PEITZMEIER et al., 2019).

Outro estudo realizado por Shires et al., apontou que nos Estados Unidos, a maioria dos profissionais (74,1%) que coletam o exame não estão familiarizados com a prestação de cuidados as pessoas transgêneros; além disso, alguns profissionais utilizam de suas experiências pessoais e valores como barreira para o cuidado ao indivíduo trans, recusando-se a realizar o mesmo, devido principalmente ao preconceito (SHIRES et al., 2019).

No Sistema Único de Saúde (SUS), o enfermeiro é responsável pelo acolhimento, triagem e realização da coleta do exame citopatológico na maioria das vezes (MANICA, 2016). É de extrema importância que o profissional de saúde, principalmente o profissional enfermeiro, seja devidamente capacitado para lidar com esta parcela da população, visto que o bom acolhimento ao paciente é essencial para que o cuidado continuado seja prestado de maneira eficaz, e que o vínculo (pilar da Atenção Primária à Saúde) seja estruturado (ROSA et al., 2019).

O fator socioeconômico em outros países foi levado em consideração, um estudo realizado por Seay et al. (2017), mostrou que a principal barreira a não realização do exame nos Estados Unidos é a falta de um seguro de saúde, visto que este tipo de procedimento pode ter um alto custo; devido a esse fator, 57% dos entrevistados preferiram a auto amostragem, na qual o próprio paciente coleta a amostra e manda para avaliação. Além do alto custo, os pacientes preferiram este tipo de coleta, devido a experiências negativas em exames anteriores (SEAY et al., 2017). No Brasil, o exame citopatológico é ofertado de maneira gratuita e a toda a população que possui colo do útero e vida sexual ativa, devendo estar entre a faixa etária de 25 a 64 anos, podendo ser coletado antes em indicações específicas (BRASIL, 2022).

Ainda, outro estudo realizado por Peitzmeier et al. (2014), evidenciou que homens trans tendem a receber mais resultados alterados do exame citopatológico, quando comparado a população cis; dos pacientes elegíveis ao estudo, 16,3% dos homens receberam ao menos 1 exame com amostras inadequadas, seja por alterações celulares, quanto coleta ineficaz (PEITZMEIER et al., 2014a). É de extrema importância o profissional orientar aos pacientes que realizam tratamento com testosterona acerca da possibilidade de amostra insatisfatória, visto que o hormônio pode causar algum grau de atrofia da mucosa vaginal (SANTOS, 2019; NISLY et al., 2018).

Se faz importante a educação continuada, com os profissionais que realizam a coleta do exame, para que além de um atendimento adequado, realizem uma coleta eficaz ediminua as possibilidades de alteração nos exames. O estudo realizado por Nisly e colaboradores (2018), traz uma reflexão acerca da necessidade de treinamento para os profissionais que atendem a população

LGBTQIA+, fazendo com que os mesmos compreendam situações como terminologias e pronomes para tratamento, além de criar uma relação de vínculo com o paciente, entendendo suas necessidades, esclarecendo dúvidas e planejando o exame com antecedência (NISLY et al., 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as limitações encontradas ao realizar o estudo, podemos citar como principal, a falta de produção científica disponível de maneira gratuita, acerca do assunto tratado nesta revisão, sendo que apenas 7 artigos se apresentavam elegíveis para a discussão. Evidenciou-se também a carência de estudos brasileiros. Isso nos faz refletir sobre a necessidade de pesquisas mais aprofundadas acerca da realidade vivenciada pela população trans no sistema de saúde, em especial os homens transgêneros, que necessitam de realizar exame citopatológico. Além disso, torna-se preocupante a escassa produção brasileira, o que evidencia a necessidade de um estudo ampliado acerca do tema.

O homem trans necessita de um atendimento adequado ao procurar o serviço para a realização do exame citopatológico, e as barreiras apresentadas neste presente estudo precisam de ser superadas. O bom treinamento profissional, aliado a empatia e humanização, são peças chave para adesão deste público ao exame, evitando que o câncer de colo uterino seja detectado de maneira tardia e garantindo a assistência à saúde de maneira eficaz. O acolhimento, quando prestado de maneira adequada, garante que o profissional estabeleça vínculos com a população e garante que o cuidado seja prestado de maneira contínua e eficiente. Ademais, é necessário que haja uma educação em saúde voltada para este público, conscientizando-os acerca da importância do acompanhamento no serviço de saúde, visando maior adesão dos mesmos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andressa Pedro; RICACHENEISKY, Luisa Fernandes; DAUDT, Carmen. Prevenção e rastreamento de neoplasias femininas: mama e colo do útero. *Acta Méd*, v. 39, n. 2, p. 335-45, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Atlas Online de Mortalidade. Distribuição proporcional do total de mortes por câncer, segundo localização primária do tumor, por sexo, localidade, por período selecionado. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/MortalidadeWeb/pages/Modelo02/consultar.xhtml#panelResultado>. Acesso em 4 de julho de 2022. (a)

BRASIL, Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Papanicolau (exame preventivo de colo de útero). Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/papanicolau-exame-preventivo-de-colo-de-utero/>. Acesso em: 11 julho de 2022. (b)

BRASIL, Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica: Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. Brasília -DF, 2013. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/acesso livre/periodicos/acta-medica/assets/edicoes/2018-2/arquivos/pdf/31.pdf>. Acesso em 3 de junho de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva – INCA. Tipos de Câncer. 2021. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-decancer/cancer-do-colo-do-utero>. Acesso em 8 de março de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Brasília- DF, 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf. Acesso em 2 de maio de 2022.

DA SILVA ARAÚJO, Jéssica Mayara et al. Exame de Papanicolau e câncer cervical em homens transgêneros: revisão integrativa. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 10, n. 2, pág. e17010212342-e17010212342, 2021.

DE CARVALHO PEREIRA, Lourenço Barros; CHAZAN, Ana Cláudia Santos. O Acesso das Pessoas Transsexuais e Travestis à Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 14, n. 41, p. 1795- 1795, 2019.

DE MOURA, Jonathan Ribeiro Farias; DA SILVA, Bruna Valentim. Corpo silenciado, voz silenciada: análise do discurso dos homens transsexuais sobre o atendimento no Sistema Único de Saúde. *PERCURSOS LINGÜÍSTICOS*, v. 10, n. 25, p. 205-221, 2020.

DE SOUZA, Alini Basso et al. Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 9, n. 4, pág. e34942760-e34942760, 2020.

DOS SANTOS SILVA, Márcia Aparecida et al. Fatores relacionados à não adesão à realização do exame de Papanicolaou. *Rev Rene*, v. 16, n. 4, pág. 532-539, 2015.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquiana de Oliveira. Guia de revisão sistemática de estudos: uma opção para a metodologia das Ciências do Movimento Humano. *MOVIMENTO-PORTO ALEGRE*, v. 20, n. 1, pág. 395-411, 2014.

HARB, Christine YW et al. Motivators and barriers to accessing sexual health care services for transgender/genderqueer individuals assigned female sex at birth. *Transgender Health*, v. 4, n. 1, p. 58-67, 2019.

KIRAN, Tara et al. Cancer screening rates among transgender adults: cross-sectional analysis of primary care data. *Canadian Family Physician*, v. 65, n. 1, p. e30-e37, 2019.

MANICA, Silvia Troyahn et al. Desigualdades socioeconômicas e regionais na cobertura de exames citopatológicos do colo do útero. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, 2016.

MCDOWELL, Michal et al. Cervical cancer screening preferences among trans- masculine individuals: patient-collected human papillomavirus vaginal swabs versus provider- administered Pap tests. *LGBT health*, v. 4, n. 4, p. 252-259, 2017.

NISLY, Nicole L. et al. Unique primary care needs of transgender and gender non- binary people. *Clinical obstetrics and gynecology*, v. 61, n. 4, p. 674-686, 2018.

PEITZMEIER, Sarah M. et al. Enacting power and constructing gender in cervical cancer screening encounters between transmasculine patients and health care providers. *Culture, Health & Sexuality*, v. 22, n. 12, p. 1315-1332, 2020.

PEITZMEIER, Sarah M. et al. Female-to-male patients have high prevalence of unsatisfactory Paps compared to non-transgender females: implications for cervical cancer screening. *Journal of general internal medicine*, v. 29, n. 5, p. 778-784, 2014. (b)

PEITZMEIER, Sarah M. et al. Female-to-male patients have high prevalence of unsatisfactory Paps compared to non-transgender females: implications for cervical cancer screening. *Journal of general internal medicine*, v. 29, n. 5, p. 778-784, 2014. (a)

RAMOS, Lázaro Saluci et al. A humanização da atenção básica a saúde brasileira no atendimento de travestis e transsexuais: uma revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 44, p. e2770-e2770, 2020.

ROSA, Danilo Fagundes et al. Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, p. 299-306, 2019.

SANTOS, José Humberto Guimarães. Exame citopatológico cérvico-vaginal de homens trans submetidos a tratamento com testosterona. 2019.

SEAY, Julia et al. Understanding transgender men's experiences with and preferences for cervical cancer screening: a rapid assessment survey. *LGBT health*, v. 4, n. 4, p. 304-309, 2017.

SHIRES, Deirdre A. et al. Gynecologic health care providers' willingness to provide routine care and Papanicolaou tests for Transmasculine individuals. *Journal of Women's Health*, v. 28, n. 11, p. 1487-1492, 2019.

SILVA, Pedro Antônio Oliveira. Transexualidade: a pessoa transexual como sujeito de direitos e seus reflexos na sociedade contemporânea. *ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA- ISSN 21-76-8498*, v. 17, n. 17, 2021.